

# Cheias causaram impacto de R\$ 88,9 bi no RS

Transferência de recursos e agilidade em obras de recuperação evitaram rombo de 1,1 ponto percentual do PIB gaúcho



Ana Esteves, especial para o JC  
economia@jornaldocomercio.com.br

Um relatório produzido pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) e Grupo Banco Mundial, em parceria com diversas entidades do Sistema das Nações Unidas, estima em R\$ 88,9 bilhões os efeitos das cheias no Rio Grande do Sul em 2024, dos quais 69% (R\$ 61 bilhões) correspondem ao setor produtivo, 21% em setores sociais (R\$ 19 bilhões); 8% à infraestrutura (R\$ 7 bilhões); e 1,8% ao meio ambiente (R\$ 1,6 bilhão).

Ao mesmo tempo, o documento destaca a reação do poder público para conter os impactos econômicos das enchentes. A transferência de recursos às famílias e negócios atingidos, assim como a

agilidade das obras de recuperação por parte dos governos, segundo o levantamento, evitou um impacto negativo equivalente a 1,1 ponto percentual do PIB estadual.

“Esse trabalho traz as estimativas de perdas, as quais incluem a indústria, utilizando dados de uma consulta que nós conduzimos aqui na Fiergs”, afirma o economista-chefe da entidade, Giovani Baggio. O Índice de Desempenho Industrial (IDI-RS) terminou o ano de 2024 com alta de 0,6% em relação a 2023, após passar a maior parte do ano no terreno negativo, mas apesar de positivo diante do cenário de calamidade que o estado enfrentou, o resultado não recompôs a queda de 5,6% de 2023.

No final do primeiro semestre de 2024, o índice de atividade mostrava queda de 3,3% em relação a 2023. Dos seis componentes do IDI-RS, quatro cresceram no ano passado: faturamento real (0,7%), massa salarial real (3,4%), utilização da capacidade instalada (1,6 ponto percentual, de 78,8% para 80,4%) e compras industriais (0,9%). As horas trabalhadas na produção (-0,9%) e o emprego (-0,7%) fecharam o ano em queda, mas vêm de-

monstrando recuperação.

O presidente da Federasul, Rodrigo Sousa Costa, afirma que em relação ao auxílio às vítimas, as políticas públicas ainda deixam a desejar. “Fizemos diagnósticos precisos sobre quem deveria receber os recursos do governo, mas deixaram muita gente para trás, os produtores rurais que não foram socorridos, as empresas que pegaram empréstimo com a condição de contratar mão de obra, mas que estão com dificuldade de manter o mesmo nível de emprego”, afirma Costa.

Dados da entidade divulgados no final de maio do ano passado, apontam que, nos últimos 30 anos, cerca de 20% dos prejuízos nacionais com desastres climáticos estão concentrados no Estado. Isso representaria cerca de R\$ 100 bilhões. Ou seja, o custo de reconstrução, após as chuvas de maio de 2024, ultrapassa o total gasto nas últimas três décadas.

Para o presidente da Fecomércio-RS, Luiz Carlos Bohn, do ponto de vista da infraestrutura, a enchente mostrou várias debilidades, entre elas, a extrema dependência do Aeroporto Salgado Filho, que está numa área inundável. “É urgente



Levantamento inclui dados de pesquisa da indústria, salientou Baggio

que tenhamos alternativas. Além disso, há ainda muitos pontos de bloqueio em estradas, mesmo passado quase um ano da tragédia.

Precisamos aproveitar a necessidade de reconstrução para fazermos estruturas mais eficientes que contribuam para maior competitividade da nossa economia”, afirma o dirigente.

O presidente da Fiergs, Claudio Bier, destaca o agravamento da situação da malha ferroviária no Estado, após as chuvas, o que acabou sobrecarregando a malha ro-

doviária ainda mais. “Defendemos uma nova concessão, que modernize a rede ferroviária gaúcha. São necessárias obras de recuperação e de garantia de uma malha rodoviária mais resistente ao novo momento de episódios climáticos mais frequentes e agressivos”, diz Bier. A Fiergs também defende o programa de barragens, sobre diques, galerias e estações de bombeamento de água e controle de cheias, o qual já conta com R\$ 6,5 bilhões disponíveis, cujas obras devem iniciar ainda neste ano.

## Mais da metade dos pequenos negócios não se reergueu totalmente, revela Sebrae-RS

Um ano após as enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul, mais da metade dos micro e pequenos empreendimentos ainda não conseguiu retomar totalmente suas atividades. É o que mostra a Pesquisa de Impacto 2025 - Eventos Climáticos, do Sebrae-RS com 1.058 empreendedores das regiões atingidas.

De acordo com o levantamento, apenas 46% das empresas afetadas operam normalmente hoje. Outros 45% ainda estão em processo de reestruturação, enquanto 7% sequer conseguiram retomar as atividades, e 2% fecharam as portas definitivamente.

O segmento de microempreendedores individual (MEI) é o que mais encontra dificuldade para se

reerguer, aponta o estudo, sendo que 13% ainda não conseguiram retomar suas atividades ou encerraram definitivamente o negócio.

“Esses dados indicam um cenário de resiliência empresarial, mas também evidenciam a necessidade de continuidade no apoio àqueles que ainda enfrentam dificuldades. O caminho é longo e todas as iniciativas nesse sentido são importantes”, afirma Augusto Martinengo, gerente de Competitividade Setorial do Sebrae-RS.

Os principais obstáculos para a recuperação são de ordem financeira. A maioria dos negócios (84%) relata falta de recursos financeiros próprios para reconstrução, e metade enfrenta dificuldade para obter crédito. Além disso,

87% dos empreendedores viram o faturamento despencar logo após a tragédia. Em 30% dos casos, o faturamento segue muito abaixo do necessário para manter o negócio, e 12% consideram fechar. Entre os impactos diretos das enchentes, destacam-se a queda na demanda (79%), dificuldades de acesso

(75%), perdas de estoque (57%) e danos estruturais (47%). A infraestrutura pública também foi comprometida, o que agrava a situação dos negócios locais.

Outro ponto crítico é o apoio recebido: 35% dos entrevistados afirmam não ter contado com nenhum tipo de auxílio. Embora 36%

tenham tido acesso a algum suporte governamental, a cobertura segue insuficiente. Os desafios se mantêm mesmo olhando para o futuro. A captação de novos clientes é o principal entrave apontado por 64% dos empresários, seguida pela necessidade de reorganizar a gestão dos negócios (42%).



Pesquisa mostra que 7% dos empreendimentos sequer retomaram atividades; outros 2% fecharam as portas



**VIDROBOX** - Vidros Gerais

DESDE 1971

Temperados - Laminados - Termo-acústicos  
Controle solar - Texturizados - Múltiplos

vidrobox@vidrobox.com.br - (51) 3302 - 4343